

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC

UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	"AS BALAS QUE MATARAM NOSSOS FILHOS TAMBÉM NOS LEVARAM JUNTO": GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA, VIOLÊNCIA POLICIAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS MÃES DAS VÍTIMAS NO CONTEXTO BRASILEIRO
Autor	THAYNA MIRANDA DA SILVA
Orientador	HENRIQUE CAETANO NARDI

“AS BALAS QUE MATARAM NOSSOS FILHOS TAMBÉM NOS LEVARAM JUNTO”: GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA, VIOLÊNCIA POLICIAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO DAS MÃES DAS VÍTIMAS NO CONTEXTO BRASILEIRO.

Autora: Thayna Miranda da Silva

Orientador: Henrique Caetano Nardi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia – Faculdade de Psicologia

O presente trabalho está vinculado ao projeto “Racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico”, desenvolvido pelo Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero e Diversidade Sexual (CRDH/NUPSEX), do Departamento de Psicologia Social e Institucional, e conta com a supervisão conjunta da pesquisadora Raquel da Silva Silveira. O objetivo deste trabalho é discutir de que maneira o aumento de mortalidade por causas externas e a perseguição policial à população jovem negra brasileira afeta a saúde psíquica das mães das vítimas desse tipo de violência, e como essa questão vem sendo tratada no meio acadêmico e no campo da saúde.

Trata-se de uma revisão narrativa analisada a partir do referencial teórico de Aparecida Sueli Carneiro – cuja tese dialoga com a perspectiva teórica de Michel Foucault – utilizando os conceitos de dispositivo de racialidade, biopoder e epistemicídio e compreendendo como eles operam na manutenção do racismo como condição para tirar a vida de alguém. Inicialmente, foram levantados dados relevantes presentes no Mapa da Violência de 2016 e foi realizada pesquisa de artigos e publicações nas plataformas Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Scielo, a partir dos descritores “genocídio negro”, “homicídio”, “jovens”, “violência policial” e “mães”, sendo selecionados para análise textos que continham os termos em conjunto ou separadamente. Também foram consultados fatos cotidianos registrados pela imprensa sobre a temática, discursos representativos do movimento negro brasileiro, além da bibliografia pertinente já presente no projeto de pesquisa.

O Mapa da Violência apontou que enquanto o número de homicídios por arma de fogo, no Brasil, cometidos contra pessoas brancas teve uma queda de 26,1% de 2003 a 2014, esse número teve um aumento de 46,9% em relação às vítimas negras durante o mesmo período. Esses dados também destacam que, em 2003, a vitimização negra era de 71,7% – indicando que, proporcionalmente, morriam 71,7% mais negros do que brancos no Brasil – e que esse número teve um salto para 158,9%, em 2014. Os artigos apresentaram dados semelhantes quando explicitaram o marcador social raça/cor. Contudo, a pesquisa nas plataformas não obteve resultados para publicações que relacionassem o sofrimento psíquico das mães ao genocídio da juventude negra. Já os relatos registrados pela mídia indicaram a existência de um imenso sofrimento que afeta intensamente a vida das mães cujos filhos foram levados pelo “deixar morrer” associado à racialidade. Ao mesmo tempo, evidenciou-se que são extremamente escassas medidas que demonstrem preocupação com essa realidade – na saúde e na academia – destacando também os efeitos do epistemicídio.

Trazer para a academia a discussão sobre o quanto a saúde psíquica dessas mulheres vem sendo prejudicada pelos riscos a que estão submetidos os seus filhos cotidianamente, por sua raça/cor e por sua classe social, tem a potência de gerar visibilidade para uma realidade ainda tão negligenciada, e, a partir daí, pensarmos estratégias para prevenir e aliviar esse tipo de sofrimento.